

**Isabela Costa Zampier**

**Além das águas**  
**Um retrato dos atingidos pelas**  
**enchentes do Rio Muriaé**

Viçosa - MG  
Curso de Comunicação Social - Jornalismo  
Julho, 2014

**Isabela Costa Zampier**

**Além das águas  
Um retrato dos atingidos pelas  
enchentes do Rio Muriaé**

Projeto experimental apresentado ao curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Dr. Ana Carolina Beer Figueira Simas

Viçosa - MG  
Curso de Comunicação Social - Jornalismo  
Julho, 2014

## **RESUMO**

*Além das águas – Um retrato dos atingidos pelas enchentes do Rio Muriaé* é um livro reportagem produzido como Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social com habilitação em jornalismo. Ele revela oito dias da vida de cinco pessoas atingidas pela maior enchente já registrada no Rio Muriaé. Cada uma dessas pessoas é residente em uma cidade diferente, fazendo com que a visão do processo seja multiangular. O trabalho tem a intensão de mostrar o comportamento dessas pessoas e a forma como elas lidam com o desastre, que com o passar dos anos está mais recorrente e intenso.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Rio Muriaé; enchentes; livro-reportagem.

## **ABSTRACT**

*Beyond the waters - A portrait of affected by the flooding of the River Muriaé* is produced as a book report Labor Completion Course Social Communication in journalism. He reveals the eight days of the life of five people hit by the biggest flood ever recorded in Rio Muriaé. Each person is resident in a different city, making the process view is multangular. The work has the intention to show the behavior of these people and how they deal with the disaster, which over the years is most recurrent and intense.

## **KEYWORDS**

Muriaé River; floods; book-report.

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>5</b>
<b>CAPÍTULO 1 – .....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 2 – O RIO MURIAÉ E AS ENCHENTES .....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 3 – RELATÓRIO TÉCNICO .....</b>	<b>18</b>
<b>3.1. Pré -produção .....</b>	<b>18</b>
<b>3.2. Produção .....</b>	<b>19</b>
<b>3.3. Pós-produção .....</b>	<b>22</b>
<b>3.4. Descrição do produto .....</b>	<b>25</b>
<b>3.5. Orçamento .....</b>	<b>25</b>
<b>3.6. Cronograma .....</b>	<b>25</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>26</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>27</b>

## INTRODUÇÃO

Desde que se têm registros da vida em comunidades e das atividades de subsistência dos seres humanos percebemos que a água tem uma relação direta nas escolhas de fixação na terra e conseqüentemente na formação de comunidades. Todo o noroeste fluminense é um exemplo claro disso, assim como a parte da Zona da Mata Mineira.

Essencial à vida, a água é um dos temas que mais provocam discussões na atualidade devido à ameaça de escassez. A forma como ela vem sendo utilizada, desperdiçada e poluída, em contrapartida com a sua importância para a perpetuação de todas as espécies vivas do planeta, é a questão fundamental que a faz tema central de conferências mundiais, como a própria Conferência Mundial da Água. Em escala mundial, a realidade é de uma futura (mas não distante) escassez de água, como defende o Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial da Água, divulgado em 2003 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). Porém, com a exploração desmedida dos recursos naturais e as alterações no equilíbrio dos ecossistemas, os problemas relacionados com a água também são de excesso, tais como as enchentes.

Tentando compreender o desastre no âmbito social, e não ambiental, o livro leva aos leitores a dinâmica de enfrentamento durante o desastre ocorrido nas cidades situadas à margem do Rio Muriaé em 2012, que teve proporções nunca antes vistas, sendo considerada a maior enchente da bacia até o fechamento desse trabalho (2014). O livro contempla a história dos atingidos residentes em cinco das sete cidades cortadas pelo Rio Muriaé, na região que abrange a Zona da Mata Mineira, seguindo em direção ao Noroeste Fluminense e depois rumando ao Norte do estado do Rio de Janeiro, que teve basicamente o mesmo tipo de colonização, por meio do bandeirantismo.

Durante o século XVII o estado de São Paulo era uma região marginalizada e suas terras impróprias para a cana-de-açúcar (principal cultura da época). Nesse contexto, os paulistas foram obrigados a garantir sua sobrevivência de algum modo e também buscar riquezas a fim do enriquecimento. A melhor maneira que encontraram foi por meio do desbravamento do interior do país. Desrespeitando o Tratado de Tordesilhas (que dividia o Brasil entre a Espanha e Portugal), eles adentraram no território atrás de gentios para a escravidão e em busca de ouro e pedras preciosas. Essa atividade ficou conhecida como bandeirantismo e foi devido a essa ação que muitas

idades do sudeste, principalmente nos estados de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, foram fundadas e colonizadas (SILVA, 2008).

No norte fluminense, as primeiras ocupações se dão do litoral para o interior, subindo o Rio Paraíba do Sul e o Rio Muriaé até a região conhecida como Cachoeirinha, no município de Cardoso Moreira, onde a navegação era inviável para as embarcações devido às quedas d'água. Na zona da mata mineira e no noroeste fluminense, o homem chegou por meio do bandeirantismo pelos rios, adentrando o estado de Minas Gerais e seguindo os cursos d'água (SILVA, 2008) principalmente, dos afluentes do Rio Muriaé e do próprio. Em História usa-se a expressão “hipótese causal hidráulica” para explicar tal questão, que defende que ao longo de toda a humanidade o homem está sempre margeando os grandes cursos de água e que em grandes cidades, no desenvolvimento humano em geral, do Paleolítico até hoje, está sempre atrelado a água, elemento fundamental à vida. Então o bandeirantismo se dá dessa forma, desbravando o interior mas sempre buscando os cursos d'água, os rio principalmente.

As vilas começaram a surgir nas margens do rio, era ali que as pessoas obtinham alimento, tomavam banho e coletavam água. O crescimento desses locais juntamente com o comodismo do homem que queria estar o mais perto possível desse curso de água, transformou essa proximidade em uma questão cultural e hoje as regiões centrais e, conseqüentemente mais nobres, por se tratar de cidades pequenas, estão na margem do rio, no caso aqui retratado, do Rio Muriaé. A legislação ambiental tardia e muitas vezes desrespeitada não conseguiu deter essas construções, assoreamentos e a o desmatamento da mata ciliar, o que tornou as margens mais suscetíveis a alagamentos. Defendo que esses são fenômenos naturais que se agravam devido aos fatores citados acima e com as intempéries climáticas (antrópicas ou não).

Nos períodos de dezembro a fevereiro, com a intensidade das chuvas e a pouca vazão devido à limitada margem, não são raros os alagamentos das cidades localizadas na beira do rio (ESTUDO PRELIMINAR DE CONTROLE DE INUNDAÇÕES DO RIO MURIAÉ, 1999). Segundo dados de 2011 do Programa de Investimentos desenvolvido pela Secretaria de Estado de Meio Ambiente – SEMA/SERLA, de 1937 a 2011 as inundações aconteceram em uma média de quatro em quatro anos, considerada uma frequência bem alta. O evento já faz parte da vivência das pessoas, que lidam com o problema há anos, tendo transformado o desastre em algo socialmente aceito.

O rio nasce na região da Serra de Perobas, no município de Miraí, na zona da mata mineira, e desagua no Rio Paraíba do Sul, na cidade de Campos dos Goytacazes,

no norte fluminense. Apesar de passar pelos dois municípios acima citados, ele não corta o centro urbano de nenhum desses. Nesse percurso de aproximadamente 295 km, o rio recebe quatro principais afluentes (Rio Preto, Rio Glória, Rio Gavião e Rio Carangola) e banha oito municípios (Mirai, Muriaé, Patrocínio do Muriaé no estado de Minas Gerais; e Laje do Muriaé, Itaperuna, Italva, Cardoso Moreira e Campos dos Goytacazes, no estado do Rio de Janeiro).

Durante todo esse percurso, o rio Muriaé sofreu grandes mudanças, sendo que em alguns pontos teve seu leito desviado, suas águas poluídas e sua vazão em tempo de secas diminuídas. Consequentemente, os problemas com as enchentes se tornam cada vez mais frequentes.

Apesar do histórico de inundações, nos tempos recentes observa-se um aumento nos prejuízos, resultado da ocupação ainda progressiva das áreas naturais de inundação e ocasionado principalmente pela falha na conscientização da população dos riscos envolvidos.

No período de 01 a 10 de janeiro de 2012 aconteceu a maior enchente já registrada no Rio Muriaé. Seis das oito cidades ficaram completamente paralisadas e tiveram sua área central intransitável, totalmente tomado pela água. No dia 5 de janeiro do mesmo ano um pedaço da BR-356, que começa em Belo Horizonte, capital mineira, e vai até Campos dos Goytacazes, se rompeu devido a enorme quantidade de água, criando um verdadeiro caos para os passantes e uma tragédia para os moradores do bairro de Três Vendas, situado abaixo do nível do rio e inundado em poucas horas por ele.

O livro narra a histórias de pessoas que vivenciaram esses momentos de tensão e desespero, tendo que lidar com dias fora de suas casas, impossibilidade de deslocamento, dependência de terceiros, falta de luz e água, além do contato com doenças e a falta de suporte prévio das autoridades responsáveis.

Como já dito, o trabalho se justifica pela periodicidade dos eventos, que causou grandes impactos nos últimos anos de ocorrência (2007, 2008, 2011 e 2011) e por sua proporção que cada vez é mais alarmante. “As enchentes tendem a afetar todos os habitantes, visto o caos que tende a se instalar no cotidiano da cidade” (SÁ, 2007 p. 31). Por mais que as pessoas já tenham passado pela situação anteriormente, cada vez que suas casas são tomadas pelas águas é um momento muito difícil e de extrema angústia, pois, como foi dito por todos os entrevistados, por mais prevenido que você esteja sempre haverá perdas.

Entre dezembro de 2011 e janeiro de 2012, uma área onde vivem cerca de 580 mil pessoas (as cidades fluminense que margeiam o rio Muriaé), foi atingida pelas enchentes na região Nordeste e Norte do Estado do Rio de Janeiro (...). A cheia deste ano foi mais forte do que as registradas em anos recentes, e seus efeitos são agravados por problemas estruturais como obras mal executadas. (BANDEIRA, 2012)

Além disso, eu faço parte da população atingida, sou ribeirinha e estive presente em todas as cheias dos últimos 23 anos, fazendo com que no período da escolha de um trabalho jornalístico para a conclusão do curso eu me sentisse atraída por revelar os momentos que, assim como eu, muita gente passou/passa e que são desconhecidos por aqueles que não têm vivência da situação.

Vi no livro-reportagem a melhor maneira de documentar essas histórias, de modo que eu pudesse usar detalhes e me aprofundar no que cada um me falava sobre sua experiência pessoal.

O objetivo do trabalho foi exatamente este, recontar histórias do processo da enchente e seu modo de enfrentamento pelos atingidos, mostrando as diferentes formas de se lidar com o evento e mostrando por trás desse processo a estreita ligação que essas pessoas têm com sua comunidade, com a casa e com rio.

Nos períodos de cheias as fontes de informações são escassas, fazendo com que as pessoas reproduzam o que aprenderam na publicidade (MALAGOLI, SIQUEIRA, 2012), sendo assim, este produto tem a finalidade de fazer essa ponte, recontando as histórias da população e levando até elas informações de cunho social sobre essa difícil realidade.

## **CAPÍTULO 1 – O LIVRO-REPORTAGEM, A HISTÓRIA ORAL E AS IMAGENS**

O interesse da grande mídia está cada vez mais centrado na rapidez com que se noticia do que com o que se noticia, fazendo com que essa seja uma predominância nos meios de comunicação. Com a transformação da sociedade capitalista, os meios de comunicação, do mesmo modo, tornam-se mais dinâmicos e a informação nos dias atuais está atingindo um número maior de pessoas e sua principal propulsão é a velocidade com que se propaga em meios como rádio, televisão e internet. Esse último meio, principalmente, tem a capacidade de transformar em minutos um fato em notícia em grande alcance. A internet dá espaço a qualquer um que queria produzir e divulgar informações, papel antes que ficava apenas a cargo do jornalista. Nesse contexto, como defende o autor Ramonet (2001) apud MARQUES, 2005 está em curso uma revolução digital onde a informação circula “na velocidade da luz”.

Para que a velocidade seja mantida dessa forma, sua produção precisa ser excessivamente rápida, fazendo com que o profissional jornalista se submeta ao técnico “lead”, uma pequena fórmula que dita os padrões dos textos, mantendo-os sempre na mesma ordem. Como vemos em alguns meios midiáticos online, a quantidade de informação tem sido prioridade em relação à qualidade, estampando páginas com uma ampla gama de notícias curtas ao invés de grandes reportagens que eram tão comuns em revistas no pós-II Guerra, como na brasileira O Cruzeiro.

Devido à falta de tempo e espaço,

A boa e velha reportagem está cada vez mais fadada a veicular apenas em revistas e em meios não convencionais. A investigação profunda e a narrativa diversificada ficam comprometidas pelo pequeno espaço destinado às publicações em jornais diários e no espaço de tempo reduzido à cobertura dos acontecimentos. (GUZZO; TEIXEIRA, 2008. p 1)

A partir disso, alguns jornalistas se tornam adeptos aos livros-reportagens, saindo da mesmice do “lead” e possibilitando um enfoque mais completo e humanizado, baseado em uma investigação profunda e com inspiração na linguagem literária. (GUZZO, TEIXEIRA, 2008)

O livro reportagem possibilita que o fato seja investigado de forma mais profunda e apresentada com maior riqueza de detalhes e de informações ao leitor. Livre das limitações do jornalismo diário, como o tempo e o espaço, faz com que seja possível

abordar “os desdobramentos do fato, bem como apresenta os personagens envolvidos (...), humanizando-os” (PESSA, 2010, p 1).

Os livros-reportagem tratam de reportagens mais longas, suprindo uma das maiores dificuldades dos jornalistas nas redações, que é dar a profundidade merecida a uma investigação e que acabam sendo tratados superficialmente pelos fatores já citados anteriormente.

A liberdade narrativa que permite o livro-reportagem é um aspecto que causa grande interesse no leitor. Além da profunda investigação, trata-se de um relato atraente e criativo, que como a grande literatura, cativa o leitor do início ao fim. Trata-se de um jornalismo em que o fato é descrito com todos os seus detalhes de forma mais artística e surpreendente. (GUZZO, TEIXEIRA, 2008, p 8)

A liberdade que o gênero proporciona ao jornalista permite que a fronteira que separa o livro-reportagem da literatura torna-se difusa (GUZZO, TEIXEIRA, 2008), porém, sem deixar de manter seu compromisso com a veracidade dos fatos. O principal veículo que o jornalismo literário se desenvolveu foi o livro-reportagem, justamente por esse apresentar características de escrita mais livre e distante dos padrões das redações.

Durante muito tempo no Brasil, o jornalismo foi confundido com a literatura, considerado um subproduto da mesma. Era comum escritores escreverem para jornais diários e jornalistas em algum momento de sua vida, publicarem alguma obra de ficção. (GUZZO, TEIXEIRA, 2008, p 6)

Contextualizando, foi após a Segunda Guerra Mundial, com imenso volume de reportagens enviadas pelos correspondentes que mudou o modo com que se fazia jornalismo na época, utilizando o *lead* para facilitar o trabalho dos jornalistas. Ao mesmo tempo, por mais irônico que seja o período abriu caminho para uma nova corrente, o Novo Jornalismo. Este é considerado por muitos autores como sinônimo de Jornalismo Literário, fazendo com que o pós-guerra fosse produtivo no que diz respeito a livros-reportagens.

Desde o surgimento do Novo Jornalismo, nos Estados Unidos, o livro-reportagem admite uma estrutura que não preza pela neutralidade do escritor e concede espaço à poesia e a literatura de forma que elas possam ser incorporadas a obras, mas, sem deixar a desejar o trabalho investigativo e narrativo. “A principal virtude do livro-reportagem é a sua capacidade de preencher as lacunas deixadas habitualmente pela cobertura jornalística” (MORAIS, 2004, p 1), garantindo ainda abordagens diferenciadas dos veículos tradicionais de uma forma única.

Ainda segundo Guzzo e Teixeira (2008) o jornalismo literário é considerado um tipo de jornalismo

Em que a leveza, a liberdade de angulação e de escrita da literatura se faz presente como nos romances fictícios. O repórter é inserido na realidade em que vive à procura de uma visão mais aguçada, profunda e precisa dos acontecimentos ou do acontecimento que vai relatar. (GUZZO, TEIXEIRA, 2008, p 1)

Continuando na linha de pensamento dos autores, as narrações literárias conseguem enriquecer e ilustrar o texto do livro-reportagem. Aliado à experiência jornalística de investigação e entrevista, o produto tende a ser cativante ao leitor, prendendo-a a narrativa.

Pela forma que optei pela montagem do livro, utilizando a oralidade como maior fonte para desenvolver meu produto, se faz importante uma breve reflexão teórica sobre o tema, onde me embaso em Portelli (1997) para dizer que as fontes orais são fontes narrativas. O diferencial da história oral, segundo o autor, é que ela irá dizer muito mais os significados do que sobre o evento o si, mas isso não implica que ela não tenha validade factual. Justamente nesse embasamento o livro-reportagem pode se dá de uma forma mais íntima com os personagens.

As entrevistas exploram eventos conhecidos, mas à medida que se tem o contato visual e uma relação prévia dada por conversas anteriores, “elas lançam uma luz sobre áreas inexploradas”, revelando eventos que o pesquisador jamais ousaria imaginar. “Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez”. (PORTELLI, 1997 p 31). Na conclusão da sua obra, o autor apresenta a proposição de que não existem “falsas” fontes orais me aludindo à ideia de que a verdade depende de pontos de vistas.

Na linha de pensamento que alude os pontos de vistas, Souza (1998) fala em seu trabalho sobre o não uso de imagens em livros, classificando o produto verbal não como um produto puramente verbal, mas sim um produto com imagens não visíveis, com imagens sugeridas, implícitas entre as palavras.

No contexto atual cuja as imagens estão em todos os lugares e “valem por mil palavras”, a subjetividade tem sido deixada de lado, sendo constantemente barrada por fotografias. Os leitores vivem um momento de dependência ilustrativa, se prendendo a leitura não verbal oferecida pelo meio, não deixando que as palavras impressas possam cumprir o papel que se propõem: descrever o cenário e fazer com que a imaginação do leitor flua de modo que ele se sinta presente na situação relatada.

Outro autor que dialoga com a mesma percepção de Souza (1998) é Ricardo Azevedo (1997). Para ele, “um autor ou editor que pretenda publicar um texto sem interferências deve publica-lo sem ilustrações” assim como afirma em seu trabalho que algumas construções textuais não devem ser ilustradas, “seja por serem literárias, seja por serem explícitas demais, o ideal é deixar sua construção para a imaginação do leitor” (AZEVEDO, 1997, p 4).

A maneira como o leitor reage diante do texto depende do seu estado de espírito, de sua bagagem cultural e da própria interpretação da mensagem. Desse modo a ilustração limita o relato, destrói a subjetividade e a plurissignificação.

## **CAPÍTULO 2 – O RIO MURIAÉ E O PROCESSO DE ENCHENTE**

Como já relatado, o Rio Muriaé nasce na Serra de Perobas, no município mineiro de Mirai, na confluência entre os ribeirões Samambaia e Bonsucesso. Ele é um dos principais afluentes do Rio Paraíba do Sul, desaguando em sua margem esquerda no município de Campos dos Goytacazes. Ambos são rios interestaduais, sendo que o Muriaé corta os estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Da nascente até o município de Italva, no noroeste fluminense, predomina-se a atividade agropecuária, devido ao relevo acidentado no trecho. Do município em diante a área é caracterizada como rio de planície, tendo destaque o cultivo de cana de açúcar. (CEIVAP 2002 apud GAMA et al, 2010 p. 64). “Os principais tipos de solo são as associações de latossolo alaranjado e latossolo vermelho, argissolo vermelho amarelo, argissolo vermelho escuro e gleissolo” (COELHO; ALVES; OLIVEIRA, 2007 apud GAMA et al 2010, p 64), o que dá a cor alaranjado escuro, mais voltado para o marrom, das águas.

Um estudo de avaliação física e química do rio, realizado em 2010 apresenta dados quanto à qualidade das águas que indicam melhores condições nas áreas rurais, visto que a degradação dos espaços urbanos, a falta de rede de tratamento de dejetos e afins deixa nítida a degradação do trecho. Complementar a isso, faltam também políticas de educação ambiental, principalmente nas escolas, que se caso houvesse, poderiam interferir positivamente na qualidade de vida da região.

Sobre Itaperuna, a principal cidade cortada pelo rio, pode-se dizer que.

O município ainda sofre com a ocorrência de enchentes no período entre final de dezembro até final de fevereiro. Este fato, de relativa frequência, acarreta danos ao município tanto na área urbana quanto na rural. Segundo o histórico de vazões do Rio Muriaé, em intervalos de tempo de 10 anos, ocorrem cheias que chegam a inundar os centros urbanos situados ao longo do rio e de seus afluentes, especialmente aqueles localizados no Estado do Rio de Janeiro (CEIVAP, 2002 apud GAMA et al, 2010, p. 64).

Santos (2011) trata o tema das enchentes em seu trabalho “A invasão das águas ou as águas invadidas?”, onde delimita conceitos para o tema a distanciando do de cheia, onde essa última seria decorrente de fatores naturais e cíclicos da própria natureza e as enchentes seriam sinônimos de inundações, fatores provocados pela interferência do homem, portanto, frutos sociais. (SANTOS, 2011)

Essa diferenciação dos conceitos atualmente é rara por parte da população, que associa ambos os eventos às inundações, provavelmente pelo fato das construções ocuparem as margens dos rios de tal maneira que as cheias naturais são tidas como enchentes.

As cheias – naturais – resultado da extravasão dos cursos d'água que tomavam as várzeas (que serviam como reservatórios naturais para regulação de seus cursos nos momentos de grandes precipitações), paulatinamente foram dando lugar às enchentes, na medida em que a cidade ampliava o espaço de ocupação e se aproximava das águas, mediadas e reguladas pelas várzeas. (SANTOS, 2011 p 8)

Então, muito além dos problemas ambientais decorrentes do fenômeno (que não são poucos, mas não irei me alongar nessa temática) por trás disso estão enrustidos fatores sociais que contribuem de forma precisa para que as enchentes ocorram. Dessa maneira não é difícil perceber o porquê, com o passar dos anos, elas ficam cada vez mais intensas e mais destrutivas. Acabam sendo reflexo das ações antrópicas nos leitos, nas margens, nas nascentes, nos assoreamentos... A relação é matemática simples: quanto mais nos apoderamos do rio, em número de ocupações nas margens, por exemplo, menor a vazão e conseqüentemente maior o nível que a água atinge nas ruas e inevitavelmente, dentro dessas construções.

Mesmo sendo um problema de ordem social, as inundações ganharam um viés ambiental “considerando que toda a questão ambiental é resultado da interação ou imposição de interesses humanos sobre o meio, principalmente de interesses econômicos individuais em detrimento dos coletivos” (SANTOS, 2011, p 8). Ainda embasada no pensamento do autor, reitero a relação do processo de enchentes com a construção da sociedade, de forma que atinge grande parcela da população e a obriga a criar mecanismos e formas de lidar com o problema (ou conviver com ele). Dessa maneira, “há que se considerar que a constante busca e ocupação de locais de moradia, muitas vezes considerados impróprios; a impermeabilização do solo; e até o descarte de resíduos de maneira inapropriada contribuem para reconstrução social das enchentes” (SANTOS, 2011, p 9).

De acordo com Ximenes (2010) as enchentes são fenômenos relativamente comuns, pois correspondem a 40% dos desastres “naturais” que acontecem no mundo. Apesar da terminologia empregada, autora tem uma percepção parecida com os outros autores citados anteriormente, que defendem as enchentes como um fenômeno relacionado às ações humanas, portanto, de cunho social.

Apesar dos fenômenos das enchentes estarem atrelados às condições climáticas que são de origem externa, sabemos que o homem tem influência direta sobre as enchentes. A literatura confirma essa relação através da descrição de diversos fatores intensificadores e agravantes das enchentes, no qual percebemos a responsabilidade das ações humanas sobre a magnitude e gravidade deste tipo de desastre. (XIMENES, 2010 p. 11)

Em seu trabalho, a autora também pontua os principais impactos causados pelo fenômeno no ambiente urbano que são o “impedimento da livre circulação (...), paralização do transporte de bens e serviços, paralização dos comércios (...) e perdas materiais, além de lesões físicas e perdas humanas de acordo com o evento”. Ela não deixa de citar também os danos menos visíveis, como “a perda da biodiversidade local, destruição das florestas, destruição do sistema de esgoto residencial com contaminação de fontes de água potável por material químico e/ou infeccioso, contaminação direta de casas e outras construções” (XIMENES, 2010, p 13).

Pensando na questão no viés socioambiental, que o trabalho mantém estreita relação, Acserald (2004) acredita que os conflitos ambientais devem ser analisados diante dos espaços pertencentes à comunidade, sejam esses simbólicos ou materiais. O autor também associa a ideia de raça à pobreza e à poluição, identificando o conceito como “racismo ambiental”, afirmando que o modelo econômico dominante implica em desigualdades sobre a utilização dos recursos naturais assim como uma desigual exposição aos riscos e danos ambientais. Ou seja, pessoas menos favorecidas, que em nossa sociedade se constituem majoritariamente negros e mestiços (IBGE, 2013), possuem maior tendência de sofrerem com esse tipo de fenômeno.

Nesse quesito, o Estado cumpre um papel relevante, onde deve buscar o crescimento econômico em harmonia com o meio ambiente a fim de solucionar ou minimizar os possíveis (às vezes inevitáveis) danos. Além disso, os riscos que algumas comunidades estão sujeitas são de responsabilidade do mesmo, enfatizando a importância do seu intermédio junto à sociedade.

Acserald (2004) dialoga também sobre um conceito mais apropriado para tratar aqui, a “Injustiça Ambiental”, que é, segundo o autor, a realidade que temos hoje no país, ou seja, a tendência que os grupos menos favorecidos da sociedade sejam mais atingidos por danos ambientais do que os grupos mais favorecidos. Ainda seguindo o pensamento de Acserald, a injustiça ambiental pode ser conceituada como um tipo de exclusão ambiental, que está estreitamente ligado à exclusão social, já que o conceito do primeiro pode ser definido como processo em que os não privilegiados sofrem a

injustiça (ambiental, no caso). Pessoas em melhores posições sociais possuem mais recursos tanto para se precaver como para reestabelecer depois de eventos desse porte.

Esse conceito de injustiça ambiental está atrelado ao de “desastres”, necessitando de uma definição. Mattedi e Butzke (2011) conceituam o termo como um acontecimento ou uma série desses, que altera a rotina de uma comunidade. Ximenes (2011) completa, diferenciando desastre de perigo por meio do componente humano; “quando a população é afetada por um perigo, e quando a resposta da comunidade a este perigo é insuficiente, ocorre um desastre” (XIMENES, 2010, p. 11). Esses desastres podem ser estudados de diferentes formas, quanto à duração, intensidade, alterações no espaço físico e social, evocando uma relação específica entre sociedade e natureza. (SÁ, 2007).

Como já dito, os autores citados que trabalham com o conceito, acreditam que grande parte dos desastres ambientais são resultados a partir da intervenção do homem na natureza por meio de suas atividades, sejam elas industriais ou básicas, como, por exemplo, a agricultura. Ou seja, a interação de estruturas criadas pelo homem com a natureza pode intensificar a ocorrência de desastres. “Neste sentido, desastres constituem primeiramente um fenômeno social, e, portanto, deveriam ser identificadas também em termos sociais” (SÁ, 2007, p. 10), por isso a trato dessa maneira.

Mattedi e Butzke (2001) consideram as enchentes fenômenos desastrosos e acreditam que com base em uma pesquisa detalhada sobre o fenômeno é possível compreender melhor o comportamento humano frente ao ocorrido. Os autores também interpretam enchentes como fenômenos sociais e para isso se baseiam em um estudo da construção social prévia ao desastre, na dinâmica de enfrentamento e após o evento.

Ainda de acordo com os autores, não se pode analisar o desastre e as condições que ele gera apenas como ruptura da ordem social, “trata-se da continuidade da lógica social que mantém populações em periferias desatendidas, e sujeitas a um nível de maior degradação” (MALAGODI, SIQUEIRA, 2012 p 17). Dessa maneira, verificamos que os autores acima citados acreditam que os riscos de desastres devem ser analisados a partir da estrutura social, de modo que esses são frutos das interações sociais existentes na comunidade.

Malagoni e Siqueira (2012) também falam sobre a ideia de “perigos” e “riscos” fabricados socialmente, ou seja, “devem ser entendidos a partir da própria estrutura social e não como eventos excepcionais (...), as medições das probabilidades dos perigos acontecerem poderiam minimizar os efeitos destrutivos dos desastres”

(MALAGONI, SIQUEIRA, 2012 p 13). Nesse ponto, voltamos para a questão de responsabilidades, que não é meu foco nesse trabalho, mas considere importante essa abordagem sucinta sobre o assunto. Ximenes (2010) também trata implicitamente dessa questão em seu trabalho, afirmando que

Se o entendimento acerca das caudas das enchentes acontece de forma limitada e reducionista, sem levar em consideração a complexidade existente, pode-se esperar que as soluções e respostas ao problema também tenham a mesma natureza limitada e conseqüentemente ineficiente (XIMENES, 2010 p 13).

## **CAPÍTULO 3 – RELATÓRIO TÉCNICO**

### **3.1. Pré-produção**

Vivi por quase dezoito anos no distrito de Retiro do Muriaé, no município de Itaperuna, noroeste do estado do Rio de Janeiro. Nesse período e em anos posteriores, quando não mais residia no local, estive envolvida em todos os processos de enchente, já que faço parte da população ribeirinha e sou diretamente atingida. Sempre tive vontade de revelar um pouco da realidade de quem passa por essa situação, pois muitas pessoas não têm ideia do que são esses dias para os atingidos e como isso abala a estrutura psicológica.

Por estar diretamente envolvida, já tinha um pouco de conhecimento a respeito do modo como se dava as enchentes, sabia como era o processo, o que significava as chuvas, o pouco envolvimento do poder público e as consequências, tudo isso no contexto de Itaperuna. Pela proximidade geográfica, sabia também um pouco sobre as outras cidades, umas mais que outras, e isso facilitou minha primeira ação como pesquisadora, que a foi a busca por bibliografia sobre o tema.

Mas antes disso, no primeiro semestre de 2013, precisei delimitar o tema para o Trabalho de Conclusão de Curso na disciplina de Pesquisa da Comunicação, onde elaborei um pré-projeto para esse atual trabalho. Foi a partir daí que se iniciou o trabalho de pesquisas por autores que abordam o tema, me deparando com conceitos que tratavam exatamente da realidade em que eu vivia. Isso me abriu um amplo campo possibilidades com que eu pudesse explorar nas entrevistas. Foi nesse momento também que optei pelo livro-reportagem, pois ele me permitiria, principalmente, revelar detalhes e ser parcial - fatores que considerei relevantes para meu objetivo.

Eu ainda tinha muitas dúvidas sobre o que abordar especificamente, mas já sabia que o objetivo era retratar o processo da enchente, apesar de não saber exatamente como faria. Havia muitas formas de abordagem, foram muitas as enchentes devastadoras e com isso as formas de registros também sem ampliavam. Falarei mais para frente como se deu a escolha da minha abordagem, que só ocorreu durante o período das entrevistas.

Apesar do aspecto ambiental do processo ser relevante, assim como o social, político e econômico, desde primeiro momento eu já havia optado por uma abordagem bem simples e superficial dessas temáticas, pois uma abordagem mais complexa de cada

um desses fatores não seria possível pelo tempo que eu teria para pesquisar tantos aspectos, que exigiriam uma gama enorme de estudos em todas as cidades.

A abordagem de todas as cidades era o plano inicial, pois eu não via outra maneira de se falar sobre as enchentes de forma mais clara do que abrangendo todo o contexto da bacia hidrográfica.

Foi durante a elaboração do projeto também que busquei informações em sites de notícias e blogs de modo a identificar as áreas onde o problema era mais crítico. Nesse momento foi fundamental conversar com pessoas aleatórias em algumas cidades, pois muito além dos meios de comunicação, elas sabiam identificar mais claramente problemas das comunidades e possíveis fontes.

Como forma de tentar encontrar uma abordagem ideal, li alguns livro-reportagens antes de começar a produção de fato do material, foram eles: *A Sangue Frio*, de Truman Capote; *Gomorra*, de Roberto Saviano e *Último trem de Hiroshima*, de Charles Pellegrino. Apesar de não ser um livro reportagem, me inspirei também no estilo de narrativa de *Onde os velhos não tem vez*, de Cormac McCarthy, que se assemelha ao jornalismo literário.

Fundamental na parte de pré-produção foi a escolha das possíveis fontes, delineadas pelo processo já citado, de busca por locais mais atingidos. As primeiras fontes pré-determinadas foram as que eu possuía algum contato. Eram amigos de amigos e conhecidos de meus pais, que por morarem toda a vida no mesmo lugar conheciam muitas pessoas nas cidades vizinhas. Isso facilitou muito esse processo, tornando essa pré-produção mais rápida.

### **3.2 – Produção**

Grande parte da produção foi feita na cidade de Itaperuna, por alguns motivos: ela é a maior cidade da região; situa-se numa localização quase que central entre as cidades abordadas no livro, facilitando o deslocamento; e principalmente porque é a minha cidade natal e onde meus pais residem, me poupando gastos com hospedagem e alimentação.

Baseada no resumo das bibliografias que fiz na pré-produção elaborei inicialmente alguns pontos que achava importante destacar nas entrevistas, de modo a ter em mãos um material caso minha memória e/ou minha curiosidade viessem a falhar.

Em meio às pesquisas, fiquei sabendo que existia um consórcio denominado Consórcio Intermunicipal do Rio Muriaé. As informações que existiam na internet a respeito dele eram bem limitadas. No primeiro momento soube apenas que as nove cidades cortadas pelo rio faziam parte, além de outras cidades próximas, que eram cortadas por afluentes do Rio Muriaé. Também soube do Instituto Rio Muriaé por meio das pesquisas, e como no caso do consórcio, havia pouca informação a respeito. Sobre essa havia ainda menos informação, só sabia que a sede ficava na cidade de Muriaé. Tentei entrar em contato com ambos e consegui falar com o Secretário do Consórcio e combinamos uma pequena entrevista no mesmo dia na cidade de Muriaé. Ele me atendeu na prefeitura do município e quando começamos a conversar percebi que ele não tinha as informações que eu pretendia obter e o Consórcio não funcionava da maneira que eu imaginava – ou que o próprio nome sugeria. Em poucos minutos percebi que o “intermunicipal” no nome era só no nome, apenas a cidade de Muriaé recebia alguma intervenção do consórcio. A principal ação da equipe se resumia na “retirada de animais mortos e sofás que as pessoas jogam dentro do rio”, pelas próprias palavras do secretário, que justificava a pequena atuação com a falta de verbas para se manter tal estrutura. Minha impressão foi de que tudo aquilo tinha muito mais efeito político do que social ou ambiental, por isso descartei de imediato.

Aproveitando que estava em Muriaé, mesmo sem conseguir contato, fui atrás do endereço que havia encontrado na busca pelo Instituto Rio Muriaé. Tratava-se de um apartamento residencial, toquei o interfone e ninguém atendeu. Conversando com um vendedor de água de coco próximo ao local descobri que o apartamento era do presidente do Instituto, e que além daquele endereço ele possuía outro em uma cidade próxima. Não consegui o telefone dele, mas mandei email e mensagem em rede social, que não foram respondidos. Como eu já estava um pouco descrente quanto às ações do Instituto principalmente devido ao desapontamento com o Consórcio, resolvi não insistir muito nessa questão, pois poderia não me acrescentar nada e meu tempo era escasso.

Como já dito na pré-produção, a escolha das fontes se deu, em maioria, por contatos próximos. Meus pais conheciam algumas pessoas e através dessas fui chegando a outras. Então não foi difícil conseguir o primeiro contato, por meio de um telefonema. A minha primeira ligação foi para Ernani Marinho de Paula, residente da cidade de Laje do Muriaé. Por telefone mesmo tivemos uma boa conversa sobre o assunto e de imediato percebi que ele seria um entrevistado em potencial. Marcamos uma conversa

informal e rápida, no intervalo que ele tinha no trabalho e foi nessa conversa, mesmo que informal, que consegui absorver grande parte das informações que compõe o livro. Marcamos a entrevista para um dia depois, em sua casa. Mesmo sendo nossa terceira conversa e segundo encontro, senti que ele estava um pouco mais tímido, falava bem menos. A presença do gravador o inibia. Por esse motivo, decidi não utilizar o gravador.

Citei o exemplo de Ernani para justificar minha metodologia. As outras entrevistas se deram da mesma forma, tendo contato no mínimo duas vezes com as fontes. No primeiro encontro era uma conversa bem informal, onde as pessoas acabaram revelando muito mais do que nas entrevistas com perguntas pontuais. Essas foram elaboradas de modo à entrevista em profundidade semi-dirigidas, porém nem sempre foram aplicadas dessa maneira. À medida que a conversa fluía para algum assunto eu deixava a fonte livre para abordar o que quisesse (dentro da temática de enchentes).

Nas cidades de Muriaé, Patrocínio do Muriaé, Laje do Muriaé, Itaperuna e Italva eu tinha as fontes. Então dei preferência para essas, visitei cada cidade mais de uma vez para poder estabelecer uma relação com as pessoas. Das outras cidades que eu não conhecia ninguém então tive que ir até elas e encontrar alguém que pudesse falar. O primeiro lugar que fui em Mirai. Na primeira entrevista descobri que o rio que cortava o centro urbano não era o Muriaé, e sim o Fubá, um de seus afluentes. Mesmo conseguindo boas falas, decidi não utilizar o material por não fazer parte do meu campo de pesquisa.

Na cidade de Cardoso Moreira e no bairro de Três Vendas, fiz da mesma maneira, as visitando duas vezes. Pela proximidade de ambas consegui ir às duas localidades no mesmo dia. Em Cardoso Moreira eu já tinha conhecimento a respeito do Conjunto Habitacional que foi construído para as vítimas das enchentes alguns anos atrás e fui diretamente para lá em busca de alguém disposto a conversar comigo. Em Três Vendas, consegui falar com o presidente da Associação de Moradores, o que deu um viés muito político à entrevista, que não era minha intenção. Na hora de fazer minhas anotações e conduzir uma conversa foi muito difícil desviar do assunto e fazê-lo falar sobre a sua própria história.

Depois de finalizadas as entrevistas com os personagens do livro, parti em busca de outros níveis de informação sobre o tema. Conversei, então, com Flávio Lemos, ambientalista, professor universitário e presidente da ONG Puris (que trata do Rio Muriaé) e com um ex-vereador de Itaperuna, Sergio Bastos. No viés acadêmico, entrevistei também Araceli de Rezende Silva, historiador que referencio na introdução,

que possui pesquisa relacionada à ocupação da região da Zona da Mata Mineira e Noroeste Fluminense.

Finalizadas as entrevistas, ainda havia um ponto de vista que eu considerava interessante e que ainda não tinha abordado, o das crianças. Foi quando tive a ideia de ir até a Escola Municipal Joaquim de Oliveira Câmara, situada no 5º distrito de Itaperuna, Retiro do Muriaé. Eu queria que as crianças pudessem fazer desenhos que mostrassem a visão delas sobre a enchente. O distrito foi muito atingido na última enchente e a maioria em qualquer sala de aula teria passado pelo processo. A idade das crianças foi acertada em uma conversa com a diretora, que sugeriu a turma do 5º ano, antiga 4ª série, média de 10 anos. A diretora permitiu também que eu ficasse com os alunos de 9h30 as 11h15, período que correspondia ao final do recreio até a hora da saída. Meus planos então tiveram que mudar pouco, precisava usar todo o tempo que me foi concedido. Inicialmente passei um vídeo de computação gráfica animada sobre o processo das enchentes e depois tentei conversar com eles a respeito, queria saber como eles entendiam aquilo. A conversa não foi muito bem sucedida, eram 20 crianças que queriam falar ao mesmo tempo e eu não tinha desenvoltura suficiente para lidar com a situação. Os desenhos foram fundamentais, pois foi por meio deles que elas se expressaram individualmente. Pedi dois desenhos em momentos diferentes. No primeiro, pedi uma relação da casa ou da rua de cada um com o rio. Depois pedi que se lembrassem da última enchente e que desenhassem o que viram. São esses últimos desenhos que ilustram o livro.

Depois de finalizar todo o processo, percebi que a melhor escolha seria focar na enchente de 2012, pois ainda não havia delimitado um espaço de tempo. Reli as minhas anotações das entrevistas e percebi que só em Três Vendas eu não havia conseguido material suficiente, então, horas antes de retornar a Viçosa voltei a Três Vendas para conseguir o material que eu precisava.

### **3.3. Pós-produção**

A pós-produção consistiu basicamente em toda a escrita do material e montagem do livro. Durante a fase de produção pensei várias vezes em começar a escrever, mas ainda não tinha em mente como seria o livro e isso me impediu no início.

No meu retorno para Viçosa com todo o material, conversando com minha orientadora, decidimos excluir duas histórias das sete que ainda restavam. Foi muito

difícil esse momento, pois todos os entrevistados tinham sido muito solícitos e prestativos e por mais que as histórias se assemelhassem, elas não eram iguais. Cada uma possuía traços marcantes do entendimento sobre o processo de enchente, o que era minha intenção revelar no livro. Pelo material das entrevistas eu já sabia mais ou menos quais seriam as cidades excluídas. Mas para fazer a escolha certa, optei por reler todo o documento que tinha produzido na fase de produção – que continha vários elementos da fala das pessoas e anotações pessoais pertinentes às entrevistas e aspectos que eu notei do lugar ou na forma que o entrevistado falava. Paralelo à leitura fui fazendo anotações quanto aos personagens que mais traziam elementos novos à narrativa e juntamente a isso, olhei o contexto geral da enchente no local. Feita a leitura, concluí em retirar as cidades Patrocínio do Muriaé e Italva, principalmente porque as histórias foram as que eu julguei mais repetitivas em relação às outras. Aliado a isso, as enchentes foram menos representativas do que nas outras cidades.

Feita essa escolha, comecei a escrever o livro. Ainda não sabia qual seria o melhor formato, então decidi escrever por entrevistado, consequentemente por cidade, dividindo a história em dias dos acontecimentos. Optei por essa maneira por considerá-la mais fácil de escrever, de modo que não me perderia nos acontecimentos ou deixaria aspectos relevantes passarem despercebidos. Então fiz isso, escrevi a história de cada entrevistado, o que chamei inicialmente de capítulo, e fiz subdivisões dos dias. Para manter uma linearidade da história para eu mesma, optei por escrever na ordem em que as cidades dos entrevistados eram cortadas pelo Rio Muriaé, sendo esse o fio condutor do livro que eu descobriria mais tarde. A pedido dos próprios entrevistados, alguns nomes foram trocados e os sobrenomes não foram revelados para que não os expusessem.

Antes de começar a escrever sobre cada cidade eu relia todas as minhas anotações a respeito e fazia uma pequena pesquisa nos meios digitais, principalmente no site do Instituto Estadual do Ambiente (INEA), onde há diversas informações sobre chuvas e níveis dos rios nas cidades fluminenses. Depois disso selecionava o que era importante abordar e também destacava alguns pontos que considerava interessantes falar. Alguns desses eu consegui encaixar na narrativa, outros não.

À medida que fui escrevendo comecei a identificar a relação entre uma cidade e outra: era o rio, era o processo de enchente. Já estava na metade do livro quando descobri a maneira (que considero a melhor) de unir tudo em um bloco de texto, que até então eu acreditava que não seria possível. À medida que terminava os capítulos e os

relia fui percebendo que a melhor maneira de encaixa-los seria por meio do elemento em comum. Vi nos dias de enchente uma sequência interessante que dariam o efeito de linearidade e continuação, ideias que o livro precisava ter. Dessa maneira o livro deixou de ser de histórias fragmentadas e avulsas para se tornar uma obra só. Mesmo depois dessa percepção, continuei escrevendo da mesma forma, para que os dias de cada localidade ficassem na sequência, sem que eu me perdesse na escrita.

Depois de finalizar todas as histórias e fazer a releitura individual, montei o esqueleto do livro, onde fiz as divisões dos dias como capítulos e as cidades, em ordem geográfica, como subcapítulos. O documento precisava de uma segunda revisão para verificação quanto à sintonia do conteúdo. Poucas alterações foram feitas para que tudo ficasse ajustado do modo como se apresenta no livro.

Com o livro revisado, levei o material a Diogo Rodrigues, que fez a diagramação no programa *Adobe InDesign*, no formato A5 (14,8cm x 21 cm). Optei por uma diagramação bem simples e básica, que eu considero esteticamente mais bonita.

Enquanto ele cuidava da diagramação eu selecionei alguns desenhos das crianças que como já havia pensado anteriormente, ficariam entre os capítulos. Diferente de fotos, as ilustrações revelam uma visão particular a respeito das enchentes, à visão das crianças atingidas. Já que não contemplei crianças com entrevistas, que pela experiência que tive acredito que seria de difícil condução optei por esse tipo de abordagem. Alguns desenhos estavam muito claros e logo vi que não sairiam na impressão. Outros estavam com o nome da criança assinado na frente, o que no dia eu pedi que não fizessem. Esses eu excluí de imediato, pois não haveria maneira de se aproveitar, mesmo usando recurso de manipulação de imagens. Todos os outros foram fotografados com uma câmera Nikon D90 e recordados no programa *Adobe Photoshop* para que ficassem enquadrados. Alguns desenhos sofreram uma leve interferência na intensificação das cores (usando o mesmo programa) para que ficassem mais nítidos. Após esse processo escolhi nove desenhos que julguei mais adequados para o livro e que de alguma forma mantinham uma relação com o conteúdo. Em seguida, os desenhos foram colocados entre os capítulos pelo diagramador na ordem que determinei.

A capa foi produzida pelo *designer* Gabriel Sicuro, com as medidas que o livro estava sendo diagramando. A arte foi enviada no formato original de sua criação, o que permitiu modificações nas fontes para que ficassem em sintonia com o restante do trabalho.

### 3.4. Descrição do produto

O livro reportagem é constituído de nove capítulos, em que o primeiro é a introdução e os outros oito compõem os oito primeiros dias do ano de 2012 para cinco personagens, em cinco cidades diferentes. Ele possui 167 páginas impressas no papel sulfite 75g e o preço de cada livro é 40,00 reais.

### 3.5. Orçamento

<b>Descrição</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Valor Unitário</b>
Gravador de Voz Sony ICD-AX412	1	220,00
Gasolina para todo o transporte	1	250,00
Impressão	3	40,00
Diagramação	1	200,00
	<b>Total</b>	<b>790,00</b>

### 3.6. Cronograma

<b>Atividade</b>	<b>Mar. 2014</b>	<b>Abr. 2014</b>	<b>Mai. 2014</b>	<b>Jun. 2014</b>	<b>Jul. 2014</b>
Pesquisa bibliográfica	x	x			
Pré-entrevistas		x	x		
Entrevista			x		
Anotações sobre o material coletado			x		
Seleção do material			x		
Escrita do livro			x	x	
Finalização do livro				x	x
Redação do Memorial				x	x
Defesa do TCC					x

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é simples dar uma angulação inédita a algum fato, especialmente em um livro-reportagem, onde você pode aflorar suas ideias e percepções. Ouso dizer que quando se está envolvido diretamente com contexto relatado a tarefa é ainda mais árdua. Escrever o livro foi um processo complexo que exigiu muita dedicação e muita pesquisa para que o assunto se tornasse uma coisa íntima a mim.

Falar sobre as pessoas e revelar seu cotidiano diante do episódio de desastre é instigante e me fez refletir muito mais no lado sentimental e pessoal do que qualquer outro aspecto. E é justamente esse lado que acaba sendo esquecido pela imprensa e pelo Estado, responsável por promover a saúde da população. Não quis entrar nessa questão por julgar que é demais complexa e seria necessária outra pesquisa para demonstrar esses fatores.

Tentei mostrar com o livro, como o nome já sugere, que muito além das águas, estão ali pessoas cheias de histórias e sentimentos que passam por eventos traumáticos em períodos de tempos em tempos – e esse intervalo de “tempos em tempos” tem se tornado cada vez mais curto. O problema é de tamanha intensidade e relevância que a forma que muitas pessoas encontraram de lidar com foi tirando da categoria de desastre e colocando-o como um evento “normal”. Tamanha a ironia que mesmo sendo “normal” ele modifica inteiramente o cotidiano não só dos atingidos mas de toda a sociedade pois reflete em toda a estrutura social.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ACSERD, Henri. (Org.). **Conflitos Ambientais no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.

AZEVEDO, R. Texto e imagem: diálogos e linguagens dentro do livro. IN: Congresso de Literatura do Brasil, 11., 1997, Campinas. Campinas: SERRA, 1997. Disponível em: <http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Texto-e-imagem.pdf> >

Acesso em jun. 2014

BANDEIRA, O. Canal extravasor para controle das enchentes. Ver. Infraestrutura urbana, v. 12, Dez. 2011. Disponível em: <http://infraestruturaurbana.pini.com.br/solucoes-tecnicas/12/canal-extravasor-para-controle-de-enchentes-implantacao-do-dispositivo-251067-1.aspx> > Acesso em maio

2014.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

GAMA, T. ET AL. **Avaliação conjunta das variáveis físicas e químicas e do uso do solo do Rio Muriaé, município de Itaperuna, RJ**. Revista de estudos ambientais, v. 12, n. 1, p.63-72, jan/jul 2010. Niterói, RJ, 2010.

GUZZO, Morgani; TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. In.: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2008, Guarapuava. **Anais do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**. Irati, 2008, p. 1-9.

HERCULANO, S. **Riscos e desigualdade social: A temática da Justiça Ambiental e sua construção no Brasil**. 2002.

LEMOS, Flávio de Souza; BERNA, Vilmar. **O Rio Muriaé e sua ecologia**. Itaperuna: Ed. Hoffmann, 2002.

MALAGOLI, Marco Antonio Sampaio; SIQUEIRA, Antenor Maria da Mata. In.: VI Encontro Nacional da Anppas, 2012, Belém. **Enchentes, Vulnerabilidade e Remoção em Campos dos Goytacazes (RJ)**. Campos dos Goytacazes, 2012, p 1-20.

MATTEDI, Marcos Antonio & BUTZKE, Ivani Cristina. **A Relação entre o social e o natural nas abordagens de Hazards e de Desastres**, In Ambiente & Sociedade. São Paulo, 2001

MORAES, Gabriela Weber de. In.: II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 2004, Florianópolis. GT História das Mídia Imprensa. **Livro-reportagem: amelhando experiências para contar uma história**, Florianópolis, 2004

PORTELLI, Alessandro. “O que faz a história oral diferente”. **Projeto História**. São Paulo: EDUC, n. 14, fev/1997.

SÁ, Paula Barrigosse de. Percepção da população acerca dos impactos socioambientais do acidente da mineração pombacaruagens no município de Laje do Muriaé, RJ. **Monografia** (Graduação) – Bacharel em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense – Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2007

SANTOS, Fábio Alexandre dos. In.: XXVI Simpósio Nacional de História, 2011, São Paulo. **A invasão das águas ou as águas invadidas? A construção social e econômica das enchentes na cidade de São Paulo (1875-1963)**. São Paulo, 2011, p 1-16.

SILVA, A. R. **Marcas da Mineiridade no Noroeste Fluminense**. 2008. 26f. Pós-Graduação em Lato Sensu em História do Brasil – Fundação Educacional e Cultural São José, Itaperuna, RJ, 2008.

SOUZA, T. C. A análise do não-verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. *Ciberlegenda*, n. 6, 2001. Disponível em: <file:///C:/Users/ACER/Downloads/323-998-1-SM%20(1).pdf >. Acesso em: jun. 2014.

PESSA, Bruno Ravanelli. Livro-reportagem: origens, conceitos e aplicações. Disponível em: <[http://www2.metodista.br/unesco/1\\_Regiocom%202009/arquivos/trabalhos/REGIOCOM%2034%20-%20Livro%20Reportagem%20O%20que%20%C3%A9\\_%20para%20qu%C3%AA%20-%20Bruno%20Ravanelli%20Pessa.pdf](http://www2.metodista.br/unesco/1_Regiocom%202009/arquivos/trabalhos/REGIOCOM%2034%20-%20Livro%20Reportagem%20O%20que%20%C3%A9_%20para%20qu%C3%AA%20-%20Bruno%20Ravanelli%20Pessa.pdf)>. Acessado em 25 de junho de 2013.

XIMENES, E. F. **Enchentes e saúde: levantamento das diferentes abordagens e percepções, Região do Médio Paraíba, RJ**. 2010. Tese, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, 2010, Rio de Janeiro, RJ, 2010.



# ANEXOS

**Roteiro das entrevistas** – Perguntas para os personagens do livro

- Você é natural da onde?

- Há quanto tempo mora nesta casa? Como chegou até aqui? Como ela foi construída? Naquele tempo já existiam as enchentes? Sua infância foi nela? Já passou por muitas enchentes?
- Daqui você escuta o barulho do rio? Qual a sensação?
- Entra água na casa? Para onde vão, se sim?
- Você já presenciou algum episódio triste nas enchentes? E alegre?
- Algum episódio te marcou durante esses anos ou te deixou perplexo?
- Quando falo a palavra enchente, o que vem primeiro a sua cabeça? Alguma história pessoal?
- Você tem algum caso que goste de lembrar? E que não goste?
- As pessoas mais velhas geralmente têm mitos e superstições sobre as enchentes. Você já ouviu falar de algum?
- Qual o motivo da sua permanência neste local? Você tem vontade de mudar? (se sim): Quanto tempo demorou pra tomar a decisão de mudar? Por que demorou tanto tempo para querer mudar?
- Você percebeu alguma mudança no rio, durante esses anos? Em relação a vegetação, despejo de resíduos, largura, profundidade, cor
- Você usa o rio pra alguma coisa? Irrigação, pesca... (se não): Já usou? Para que?
- O abastecimento de água da cidade é do rio?
- Como é o processo de saída? Móveis? Alguém fica na casa? Para onde vão? Quando retornam? Como é o processo de retorno? Limpeza da casa? Perdas?
- Como é viver com essa tensão de acompanhar chuvas e nível de água?
- Durante o período, há corte de energia e água?
- Entre os vizinhos, vocês se ajudam?
- Você já ouviu falar de casos fatais?

- A prefeitura/defesa civil emite algum tipo de comunicado antes das cheias? Como eles procedem nesse período? Botes, barcos? Alimentos? Para onde os desalojados vão? E após? Que tipo de ajuda é oferecida? Alguma ajuda foi dada aos desabrigados?
- Como a mídia regional reporta os acontecimentos?
- Qual o motivo da sua permanência no local?
- A enchente diminui a qualidade de vida? Você pensa nas enchentes quando?
- Você acredita na melhora do local?
- Você tem vontade de se mudar?
- Como é a rede de esgoto da sua casa? As outras casas ribeirinhas também são assim? Você acredita que isso seja um agravante das enchentes?
- O que causa as enchentes?
- Na sua opinião, as enchentes tem solução?
- Se você fosse um gestor, o que você faria para amenizar o problema? Ou você acredita que não há meios para isso?

**Perguntas para o ambientalista e ex-secretário de Educação e Meio Ambiente de Itaperuna, Flávio Lemos**

- O que é a Ong Puris? Com qual objetivo ela foi criada? Como ela trabalha? Os colaboradores quem são? O que a Ong já fez em prol do rio Muriaé? E quanto às enchentes? Há algum trabalho específico? Há campanhas educativas?
- Qual seria a principal causa das enchentes, na sua opinião? É um problema com solução? O que pode ser feito?
- Projeto – como irá funcionar? Quando começará? Ele esperará a próxima enchente? Consequências do projeto para os distritos de Retiro e Venâncio? Previsão da obra? Haveria um plano B? Você apostaria nesse projeto?
- O ordenamento urbano, acha viável? E o contexto social - laços, tradições, patrimônio imaterial?
- Você foi secretário do meio ambiente durante uma enchente? Em questões ambientais? Quais são os prejuízos? E quais são os prejuízos sociais? A secretaria se mobilizou de

alguma maneira? O município em si, fez algo durante o período? O que poderia ter sido feito? Verbas das enchentes são usadas essencialmente para que? Alguma recuperação ambiental?

- Por que de fato nunca foi nada expressivo?
- As enchentes diminuem a qualidade de vida das pessoas?
- As pessoas acreditam na melhora do local? E você? Acredita na melhora do local?
- O despejo de esgotos nos rios tem alguma relação com as enchentes? Qual seria o modelo sanitário mais indicado pra Itaperuna e para as cidades que sofrem com as cheias?

#### **Perguntas para o ex-vereador de Itaperuna, Sergio Bastos**

- A enchente de 2012, como foi o processo? Quando soube que iria ter uma enchente? Onde você estava? Com quem?
- Quando você ficou sabendo de toda a situação? Qual foi a primeira coisa que fez/pensou?
- A prefeitura emite algum tipo de comunicado à população?
- Como se dá o processo de comunicação durante as enchentes?
- O que é estado de emergência e como é o processo pra ser decretado?
- A prefeitura faz algum tipo de controle ou medição das águas?
- Qual é o papel do vereador nesse tipo de situação? Quais foram suas atividades?
- Para onde os desalojados vão?
- Alguma ajuda é dada aos desabrigados?
- Por que você acredita que há a permanência das famílias nas áreas de risco?
- Como se sabe que haverá uma enchente? Ou não se sabe?
- Como foi o processo pós enchente?

- Verbas das enchentes são usadas para que finalidade? As secretarias de meio ambiente e educação recebem algum auxílio para tratamentos ambientais, campanhas educativas?
- Campanhas preventivas são feitas?
- A retirada dos ribeiros das margens seria uma solução viável? Por que?
- Quanto as enchentes e as construções a beira do rio, o que diz o plano diretor da cidade?
- As perdas materiais das pessoas, elas acabam tendo que custear?
- Quando falo a palavra enchente, qual é a primeira coisa que vem a sua cabeça?
- As pessoas acreditam na melhora do local?

#### **Perguntas para o historiador Araceli de Rezende Silva**

- Como se deu a ocupação da nossa região e qual é a relação com o rio?
- Qual era a relação das pessoas com o rio? Isso permanece até hoje? Por que?
- Por que algumas casas foram construídas, literalmente, em cima dos rios? Por que em algumas cidades o processo de ocupação fechou a margem?
- Uma reordenação urbana para a liberação da margem seria viável? E o patrimônio imaterial?